



Entre o Ideal e o Real: Os Limites e as Possibilidades da Comunicação no Espaço Escolar.¹

Riva Blanche KRAN²

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

Como a escola tem se adaptado e respondido às rápidas mudanças tecnológicas e às novas formas de se comunicar e se relacionar dos jovens? Coexistem na era digital, diversas possibilidades pedagógicas trazidas pelas tecnologias da informação e da comunicação com velhas práticas da pedagogia tradicional. Este artigo traz o depoimento perplexo, cansado, mas também esperançoso de professores que tentam incorporar as sempre novas tecnologias às suas práticas, em um universo tão complexo quanto à própria forma de ser dos jovens.

Palavras-chave: Comunicação; Educação; Tecnologias da Informação e Comunicação.

1.0 – Introdução

É comum em conversas cotidianas, relatos ou entrevistas sobre temas variados, percebermos um saudosismo que vem com intensidade marcar as diferenças entre as lembranças de outrora e o cenário atual. Essa saudade não quer dizer apenas que boas lembranças estão guardadas, mas vem também estabelecer marcos comparatórios entre as experiências do presente e do passado, sendo estas últimas por vezes qualificadas como melhores, mais verdadeiras ou envoltas em valores mais sólidos.

Este artigo trata de um tema lembrado com frequência com saudosismo, a educação. Serão discutidas diversas questões envolvidas no processo educativo, como a inserção das tecnologias da informação e da comunicação no espaço escolar, a relação professor-aluno segundo a ótica dos docentes e reflexões que apontem para possíveis saídas para a complexa realidade escolar tratada muitas vezes a partir de suas crises. O

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – GP Comunicação e Educação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Riva Blanche Kran, Jornalista e Radialista formada pela Universidade Federal de Goiás. Mestranda do Programa de pós-graduação em Comunicação, Cultura e Cidadania, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. Email: rivakran@uol.com.br.



objetivo deste artigo é levantar algumas considerações observadas durante entrevistas³ com professores da rede pública estadual de ensino em duas escolas de Goiás, e a partir daí, refletir sobre o uso e as possibilidades das tecnologias da informação e da comunicação na escola.

A partir das entrevistas, referentes ao uso dos laboratórios de vídeo, rádio e internet nas escolas, três categorias de análise serão apresentadas: 1) Reflexões críticas e concepções dos professores em relação aos laboratórios e seus usos, 2) Principais dificuldades que os professores enfrentam na utilização das TIC's (tecnologias da informação e comunicação) e 3) Visão do professor em relação aos alunos e em relação à própria educação. Optou-se metodologicamente por reproduzir trechos dos depoimentos para que a riqueza dos detalhes e a diversidade dos assuntos levantados ficasse evidente.

Atualmente a escola está imersa em um cenário social marcado pela velocidade tecnológica, por mudanças nas formas de sociabilidade e interação, pelo hiperestímulo insistente e desconcertante trazido pelos meios de comunicação e também pelos usos a partir da popularização das tecnologias cada vez mais portáteis e interativas. A novidade e a mudança comandam o interesse da geração do computador: é preciso renovar sempre, ousar, personalizar. Massificação e personalização dividem na era digital o mesmo espaço. A cultura das gerações mais jovens, que sempre foi tida como subversiva e desafiadora em qualquer época, ganhou o incremento tecnológico que desfez barreiras de espaço e tempo:

São formas de sociabilidade que surgem não só da crescente presença das tecnologias e das comunicações nas vidas pessoas, mas também do reordenamento das famílias recompostas e monoparentais. Há também que se considerar novas formas de agrupamentos sociais: coletivos e grupos que surgem não mais apenas pelo sonho de mudar o mundo a partir das lutas sociais, mas pela simples aproximação de gostos estéticos, musicais, esportivos, comportamentais ou de subversão social (KRAN, 2009, p.05).

A questão que se coloca para os profissionais da educação é: como eles têm se adaptado e respondido a essas mudanças, que são ao mesmo tempo intensas e constituintes da vida dos jovens? A escola, como espaço pedagógico privilegiado tem, entre suas atribuições, que dar conta desta complexidade, tentando incorporar novas perspectivas com a formação de jovens para o mundo, afinal ela "... não é mais a instância de

³ Em entrevista à autora deste artigo, na pesquisa de campo para o projeto de mestrado, provisoriamente intitulado: Educomunicação: A Sedução da Comunicação e a Operacionalização da Escola (2009).



legitimação e entra em concorrência com os meios de grupos de pertencimento” (JACQUINOT-DELAUNAY, 2007, p.78). Apesar da lembrança freqüente de diretores e professores de que “antigamente a escola era diferente, havia mais interesse e respeito” um olhar mais atento na história da própria educação pode revelar uma crise inerente a sua constituição.

Crise na Escola, Crise da Família, Crise do Professor: A Crise Como Padrão

O sociólogo Émile Durkheim analisou a educação a partir de uma perspectiva positivista, segundo a qual seria possível manter o equilíbrio da sociedade por meio da educação, sendo esta responsável pela formação intelectual e moral do indivíduo. Segundo Durkheim era também tarefa da escola fazer com que os sentimentos de coletividade e solidariedade fossem *cimentados* nas consciências.

No entanto, o sociólogo identifica no final do século XIX e início do século XX, que a modernidade trazia mudanças muito familiares às que vemos atualmente: “Valores, crenças e tradições que soldam os elementos sociais perderam sua força na nova estrutura social, e esta, em sua constituição, não gerara ainda a preponderância de outros capazes de lhe dar sustentação” (DURKHEIM, *apud* EVANGELISTA, 1997, p. 25). Já a filósofa Hannah Arendt analisou o contexto da educação pública nos Estados Unidos, por volta de 1950, e identifica um afrouxamento na figura da autoridade do professor e uma crise profunda ligada a tradição.

A crise de autoridade na educação está intimamente ligada com a crise da tradição, isto é, com a crise da nossa atitude face a tudo o que é passado. Para o educador, este aspecto é especialmente difícil uma vez que é a ele que compete estabelecer a mediação entre o antigo e o novo, razão pela qual a sua profissão exige de si um extraordinário respeito pelo passado (ARENDRT, 1961, p. 48).

Tradição e autoridade estariam então, já naquela época, sendo colocadas sob questionamento. A filósofa ressalta o fato de que a “autoridade ou não desempenha mais papel nenhum na sociedade, ou no melhor dos casos, um papel altamente contestado” (ARENDRT, 1961, p.431). Longe de dizer que as relações familiares, afetivas ou educativas estão frágeis na atualidade, seria mais prudente dizer que o espaço de contestação e diálogo em relação a essas autoridades aumentou. O questionamento feito por movimentos feministas na década de 60, o debate proporcionado pelos meios de



comunicação, as mudanças no mundo do trabalho e da família, a consolidação de diversos movimentos sociais, enfim, vários acontecimentos contribuíram para que gradativamente, as diversas formas de relações sociais fossem revistas e repensadas. Quaisquer que sejam as mudanças que estão em curso e que permeiam a sociedade, elas deságuam com certeza no espaço da escola.

Mas a crise na educação ultrapassa o espaço relacional da sala de aula. Demerval Saviani relata que “no final dos anos 70, 50% dos alunos de escolas primárias desertavam das escolas em condições de analfabetismo potencial na maioria dos países da América Latina”. (SAVIANI, 1995, p. 07). Atenção para a data: anos 70. Atualmente, é recorrente a reclamação em relação à queda do nível intelectual dos alunos. O frequente saudosismo na educação remete a um passado onde não apenas a educação era melhor, mas os alunos eram mais preparados.

Pierre Babin analisou as formas de compreender da geração do audiovisual dos anos 80 dentro do contexto educacional francês, onde as principais queixas dos professores em relação aos alunos eram: “o nível de inteligência baixou, são incapazes de se concentrar, são passivos, há uma perda do raciocínio e do espírito crítico, os jovens falam sobre tudo e nada sabem e eles vivem em outra”. (BABIN E KOULOUMDJIAN, 1989, p. 24). Ora, não seriam estas as mesmas reclamações dos professores de hoje em dia em relação à geração do computador?

Ainda sobre as diversas crises pelas quais a educação passa, a Fundação Getúlio Vargas apresentou em abril deste ano uma pesquisa com os motivos que levam jovens de 15 a 17 anos à evasão escolar. O que mais chocou pesquisadores e especialistas da área da educação é a principal justificativa dada pelos próprios jovens por terem deixado a escola: falta de interesse.

A primeira é a miopia ou o desconhecimento dos gestores da política pública, restringindo a oferta de serviços educacionais. Outra é a falta de interesse intrínseco dos pais e dos alunos sobre a educação ofertada, seja pela baixa qualidade percebida ou por miopia ou o desconhecimento dos seus impactos potenciais. (...) Senão vejamos: Dificuldades de acesso a escola: 10,9 %, Necessidade de trabalho e geração de renda: 27,1%, Falta intrínseca de interesse: 40,3%, Outros motivos: 21,7%. (NERY, 2009).

Mesmo que o estado de Goiás⁴ não tenha feito parte da sondagem, a relevância do cenário analisado pode e deve ser aplicada ao nosso contexto, servindo de subsídio

⁴ Participaram da pesquisa estados como: Tocantins, Acre, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Bahia.



para pesquisas e reflexões acerca da educação. Segundo o coordenador da pesquisa a escola precisa passar por mudanças significativas:

O desafio é criar uma demanda, atrair o jovem, convencer o jovem que a escola vale à pena, e não apenas atender uma demanda existente. O desafio não é apenas criar uma escola de qualidade, mas que ela seja de qualidade e atrativa aos olhos do estudante. É preciso criar conteúdos, inclusão digital, mobilização social pra importância da educação, ou seja, uma revolução muito mais profunda do que criar escolas e mudar leis, é preciso mudar a cabeça do jovem. (NERY, 2009)

A pesquisa tenta responder por que o jovem de determinada idade não frequenta a escola. É por que tem que trabalhar para sustentar a família, por que não tem escola acessível ou simplesmente por que ele não quer o tipo de escola que está aí? Mas a questão essencial levantada pela pesquisa é: se a educação gera um retorno privado tão alto, por que os brasileiros investem tão pouco nela? É possível pensar, segundo NERY, que os maiores ganhos da educação sobre a renda ocorrem na meia idade (pico de salário aos 53 anos e ocupação aos 43 anos) e os de saúde na velhice. Ganhos, portanto, distantes demais no horizonte de planejamento do jovem.

2.0 – As TIC's e suas Aplicações na Escola: Do Ideal ao Real.

A pesquisa de campo que motivou este trabalho entrevistou professores responsáveis pelos laboratórios de rádio, vídeo e informática de escolas públicas. Estes professores são denominados *dinamizadores* pela secretaria estadual de educação. No discurso destes dinamizadores foi possível identificar três tipos de usos predominantes no que diz respeito às práticas presentes nos laboratórios:

- Uso do vídeo como ilustração de determinados conteúdos didáticos;
- Uso do projeto de rádio como suporte de áudio para realização de eventos escolares e como entretenimento musical durante os intervalos;
- Uso do laboratório de informática como suporte para pesquisa dos alunos, substituindo a biblioteca em sua função original. Os alunos procuram nos sites de busca mais conhecidos os assuntos apresentados pelos professores e depois copiam em seus cadernos trechos da pesquisa. Há também a perspectiva do laboratório de informática como momento da prática: o conteúdo dado em sala de aula seria a teoria do conteúdo curricular e nos laboratórios seria o momento de visualizar a prática do conteúdo. As possibilidades trazidas pelo virtual de



acessar gráficos, dados, imagens paradas ou em movimento, associadas ou não ao áudio, são tidas então, como real, palpável.

Como é possível perceber o uso das TIC's como ferramenta pedagógica ainda é muito tímido na escola. As práticas correspondem à mesma dinâmica observada na pedagogia tradicional e transmissiva, como nos lembra SAVIANI (1995). Segundo ele, o modelo atual da escola pública ainda é estruturado de forma a fixar na sala de aula muitos alunos e professores responsáveis por repassar o conteúdo, apesar de propostas diferenciadas como as da pedagogia nova. O professor, por não dominar a tecnologia na maioria das vezes, restringe as possibilidades de explorar as linguagens, técnicas, montagens, significados e releituras. MASETTO explica bem:

Em educação escolar, por muito tempo – e eu diria mesmo até hoje –, não se valorizou adequadamente o uso da tecnologia visando a tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficiente e mais eficaz. Se nos perguntarmos o porquê desse fato, encontraremos em algumas situações, por exemplo, a convicção de que o papel da escola em todos os níveis é o de “educar” seus alunos – entendendo por “educação” transmitir um conjunto organizado e sistematizado de conhecimentos de diversas áreas, desde a alfabetização, passando por matemática, língua portuguesa, ciências, história, geografia, física, biologia e outras, até aqueles conhecimentos próprios de uma formação profissional nos cursos de graduação de uma faculdade – e exigir deles memorização das informações que lhes são passadas e sua reprodução nas provas e avaliações. (MASETTO, 2008, p.133).

Essa subutilização das tecnologias no espaço da escola se dá em função de algumas questões. O universo escolar, complexo por natureza, precisa ser compreendido em seu funcionamento e dentro das condições práticas que fazem da escola o espaço do encontro, da crise, mas também das possibilidades pedagógicas. Para esta pesquisa, interessa o conceito de escola de GIROUX que abarca esta complexidade, visualizando as diversas forças, concepções e apropriações do que ela pode oferecer, tanto para professores, quanto para alunos.

Escola como espaço social onde se criam e recriam conhecimentos, valores e significados vão exigir o rompimento com uma visão cotidiana estática, repetitiva, disforme, para considerá-la como instrumento cultural caracterizado por vários graus de acomodação, contestação e resistência, uma pluralidade de linguagens e objetivos conflitantes (GIROUX, apud ANDRÉ, 1995, p.42).

2.0 – Considerações Sobre as Dificuldades de Utilização das TIC's.



Alguns trechos dos depoimentos dos professores entrevistados foram selecionados para ilustrar a argumentação exposta neste artigo, com o intuito de fazer transparecer a força e a complexidade que envolve a utilização das tecnologias da informação e da comunicação no espaço escolar. Sua aceitação ainda não é consenso entre educadores, gestores e alunos e as dificuldades vão desde questões técnicas ao domínio da linguagem.

Pesquisadora: Quem acha que é enrolação, alunos ou professores? Ambos os lados. Igual o professor tá ali⁵, tá usando a internet dele, o portal de outra escola, ele vai mostrar o laboratório de ciências do portal de outra escola, e eu ouvi agorinha: - Ó, o professor lá vai enrolar a aula! O fulano vai enrolar a aula! E Por quê? Por que tá dando uma aula diferente. A pessoa não tenta melhorar pra isso. Infelizmente isso eu ouvi demais (P-10⁶, 2009).

E apesar da aparente exigência que a sociedade faz para que a escola acompanhe as transformações sociais, algumas barreiras se colocam em relação à utilização plena das novas tecnologias na escola: primeiro, parte dos professores não acreditam que essa introdução faça parte do projeto original da escola, de transmissão do conhecimento, se fechando a possibilidades que fujam da concepção da escola como espaço legítimo e legitimador do conhecimento acumulado pela humanidade ao longo dos tempos. Em segundo lugar, aos que se dispõem a utilizar as tecnologias em sua dinâmica pedagógica, ora faltam as condições técnicas necessárias, ora falta capacitação para compreender e dominar as novas linguagens.

A secretaria de educação não permite, presta atenção no que eu vou falar! Não permite a gente dispensar alunos pra se fazer qualificações de professores numa determinada mídia. Eu dar aula até a terceira aula e dispensar os meninos pra fazer uma capacitação com os professores até a quinta, sexta aula, eu não posso fazer isso. Mas eu posso dispensar os alunos por que professor faltou. O professor tem que fazer capacitação no contraturno. Se eu trabalho de manhã, vou fazer minha capacitação a tarde. Mas a tarde eu trabalho em outra escola. Então vai fazer a noite. Mas a noite eu trabalho em outra escola. E aí, você vai fazer isso em que horário? Não tem. E como nosso salário é pouco, você acaba se sobrecarregando, dando aula em três turnos pra poder sustentar a família. E não adianta falar que não faz isso, por que 90 % dos professores fazem isso (P-01, 2009).

⁵ Um professor estava usando no auditório, próximo da sala onde gravávamos a entrevista, o datashow e o seu notebook pessoal para dar aula para uma turma de sétima série.

⁶ Os professores foram classificados com números e letras (P-01, P-02, P-03) com o intuito de preservar sua privacidade. A classificação seguiu a ordem de realização das entrevistas.

Apesar de a maioria dos professores entrevistados acreditarem na eficácia das TIC's na escola, as críticas surgem de forma espontânea e intensa, sendo identificadas dentro da especificidade de cada laboratório. Na Informática, as principais reclamações recaem sobre o uso do espaço como tapa-buraco e a ausência/limitação das condições técnicas e de manutenção. Em relação aos alunos, critica-se a preguiça de ler, pesquisar e escrever, e a falta de seleção e análise do material pesquisado. Também é identificado o desinteresse por parte dos alunos pelo fato de que a internet não se constitui mais como novidade, a partir daí os alunos insistem no uso de programas como o msn e na navegação em sites de interesse próprio, como orkut e youtube.

Por que igual, professor trabalha em três turnos, a maioria trabalha em três turnos, ainda tem que corrigir trabalho, passar atividade, então ele não tem tempo pra ficar estudando e pesquisando novidades, e os alunos sim, eles pesquisam muita novidade, tudo que pro professor é novidade, pro aluno não é mais. É claro tem exceções, mas a maioria é assim (...). Então o que é novidade pro professor, pra eles não é (P-02, 2009).

Aparece também de forma marcante as críticas em relação a falta de qualificação dos professores, ausência de condições práticas para qualificação e a falta de intimidade e interesse em relação às tecnologias. “Eu falo, o grande problema da tecnologia é os professores querer. Por que é o que eu falo, você tem que gostar. Como é que você fala: eu vou usar a tecnologia, vou passar um filme, se eu não gosto” (P-10, 2009).

As escolas fazem um planejamento, tem no início do ano um período de uma semana de planejamento, você vai trocar idéias com os professores de matemática, os colegas “O que nós vamos trabalhar? Vamos trabalhar isso, ah isso nós vamos deixar...vamos pegar mais nesse ponto importante aqui”. E agora, aqui no laboratório, como é que nós vamos usar isso? Pesquisadora: Então essa parte do laboratório de tecnologia não entra no planejamento? - Não entra aqui no planejamento. Eu acho que se entrasse, aí sim. Se entrasse, eu acho que ano seguinte, os professores teriam mais noção de como eles iam fazer aqui dentro. Pesquisadora: Tem algum professor que diz assim: eu não quero usar o laboratório? - Não, eles não dizem isso (risos). Eles falam “não, eu vou levar. Fica tranquilo, to preparando um conteúdo, hora que eu terminar, vou levar.” e vão te enrolando e não vem. E, a gente vai aguardando. (P-03, 2009)

O laboratório de vídeo também é criticado por seu uso como tapa-buraco, em situações como as de ausência de algum professor, além do desinteresse de parte dos alunos que consideram os vídeos como enrolação ou criticam a descontinuidade das atividades. Já o laboratório de rádio que é majoritariamente utilizado recurso de áudio para eventos e para tocar músicas durante o intervalo, é criticado em função da



concepção dos alunos que acreditam que o projeto rádio-escola limita-se a tocar música na hora do recreio.

Pesquisadora: Os professores estão abertos e prontos para o uso destas tecnologias? - Boa parte está. Boa parte tem uma receptividade boa. Mas outras já são mais... não tem contato com máquinas e tem até medo. E não são pessoas de mais idade, não... as vezes pessoas bem mais jovens também tem uma certa dificuldade. Acha assim, não vou levar pra lá por que uma que eu não sei lidar, e outra que é perda de tempo. Entra naquele negócio, é perda de tempo. Então nós temos várias realidades aqui dentro, vários tipos de professores, que encaram de forma diferente a tecnologia. Um acha que tem que ser sala de aula, giz, pronto e acabou, e já tem outros que ele é mais maleável, ele percebe que você precisa aliar uma coisa com a outra pra você ter um bom resultado hoje em dia. Mas a gente ainda tem muita gente com esse pensamento de trazer pra cá é enrolar, trazer pra cá não funciona, tem uma resistência ainda. (P-07, 2009)

Um dado interessante observado no discurso dos professores, diz respeito ao fato de que parte dos dinamizadores que dominam a tecnologia do laboratório em que trabalham, não utilizam nenhum tipo de recurso tecnológico durante suas aulas, em função da demora no planejamento da aula mediada. Segundo eles, a aula que não possui qualquer recurso tecnológico leva menos tempo para ser planejada, e aliando-se a isso o peso da carga horária de trabalho que geralmente chega a três turnos, se torna mais viável não incrementar a aula.

Mas entra essa questão, o professor não tem tempo pra fazer isso. (...) Pra planejar uma aula no livro, eu gasto 20, 30 minutos por aula. Eu fazer o planejamento de uma aula, utilizando mídias de informática por exemplo, eu vou gastar no mínimo 1h e meia ou duas horas, pra cada aula que eu vou planejar. (...) Eu tenho que pesquisar, catalogar, pegar essas informações todas, reunir, e aí sim, a partir dessas informações, montar o meu plano de aula. E quando eu pego o livro eu não preciso disso tudo. O livro tá lá, o conteúdo tá lá, o conteúdo eu já sei, olho o que o autor tá dizendo, e monto meu planejamento, e em 20 minutos o planejamento tá pronto. Ai entra a questão: eu vou gastar duas horas numa aula, ou vinte minutos? De 20 pra 120, vocês tem 6 vezes a mais de tempo a ser gasto pra planejar uma aula. (P-01, 2009)

Mas as dificuldades identificadas no discurso dos professores não se restringem às condições de trabalho, capacitação ou ainda às questões de manutenção e técnica. Para que a utilização das tecnologias possa efetivamente auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, fornecendo aos professores e alunos novas formas de interações e de trabalhar o conteúdo, há que se considerar o universo cultural dos alunos. JAQUINOT nos lembra que “Os jovens hoje são freqüentemente considerados desconhecidos ou até mesmo bárbaros pelos adultos: eles têm outra linguagem e outros hábitos. Os



professores como os pais sabem disso, mas não como lidar com isso” (JACQUINOT-DELAUNAY, 2007, p.79).

O estranhamento que surge quando gerações diferentes se encontram - como no caso de professores e alunos - é por vezes suficiente para que a relação ensino-aprendizagem seja abalada. O intervalo cultural - esse mal-estar entre diferentes gerações - de que nos fala Pierre Babin precisa ser considerado por profissionais que pensam a educação e estão em contato diário com estes jovens. É fato que no dia-a-dia do professor, está imbuído da tarefa de ensinar, gerenciar conflitos, trazer rendimentos, e ainda refletir sobre sua prática. A estrutura da escola, a disposição das turmas nas salas e a quantidade de alunos não facilitam a utilização de estratégias diversas, inovadoras por parte dos professores.

Do outro lado está o aluno, parte de um processo educativo em que não é ele quem gerencia nem conduz, como quando está entre seus pares, no computador em seus programas e sites de relacionamento ou ainda no celular, enviando e recebendo mensagens de amigos. Na sala de aula, de preferência em silêncio, ele deve receber o conteúdo previamente selecionado pelo professor e disponível no livro. Sua capacidade dialógica, interativa e a curiosidade pelo desvelamento das tecnologias, sob o signo do *pathos* do novo, tão caro a eles, não encontram na maioria das aulas, espaço para ser explorado. Seria possível que a escola, incorporasse esse universo em sua dinâmica? Se sim, sob que pretexto e atendendo a que projeto político-pedagógico?

4.0 – Da Geração do Audiovisual à Geração do Computador: 20 Anos e o Mesmo Estranhamento.

Ao analisar o discurso de professores da rede pública de educação sobre o uso das tecnologias da educação, foi possível constatar reflexões e críticas acerca da própria educação, da forma como os jovens tem se relacionado com os professores, com seus colegas, família, enfim, com as diversas modificações identificadas na prática diária. É na escola que as mudanças na forma de se vestir, de falar e de se relacionar são mais perceptíveis, pois é lá que o encontro se dá. É lá também que as comparações entre as gerações dos jovens e dos professores se tornam mais intensas.

É possível identificar nos discursos a coexistência da descrença em relação à escola e suas políticas, do estranhamento em relação à cultura dos jovens, o desestímulo profissional, a violência crescente, e ao mesmo a percepção de que as novas tecnologias



podem se constituir como um atrativo para os alunos. Como nos lembra FISCHER, é através dos ditos destes profissionais que se percebe a tentativa de se adaptar a esta realidade em harmoniosa agonia com o mal estar gerado pelo não-domínio das técnicas, linguagens e novas formas de se comunicar da nova geração.

Ao analisar um discurso – mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual –, não estamos diante da manifestação de um sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem (FISCHER, 2001, p.11).

Pierre Babin em seu livro “Os Novos Modos de Compreender” analisa as formas de compreender, ser e estar no mundo da geração do audiovisual, correspondente aos jovens dos anos 80, tida como despolitizada, desconectada da realidade, excessivamente musical e dispersa e ainda com extrema dificuldade de se concentrar. Nos depoimentos dos professores daquela época, aparecem, como que em um *flashback*, reclamações semelhantes dos que hoje são os professores da geração do computador.

O autor nos lembra que para os que nascem na nova cultura, ela é o ar que eles respiram. Já para os adultos, ela é um elemento estranho, e é necessário um esforço para compreendê-la. “Essa ânsia pelo novo que assusta e sobrecarrega o educador, atrai o jovem” (BABIN E KOULOUMDJIAN, 1989, p. 131). Em contraposição, “não se muda facilmente uma hereditariedade cultural”. (BABIN E KOULOUMDJIAN, 1989, p. 135). Esse cenário coloca em xeque a introdução das tecnologias: a geração dos professores que necessita de um tempo de cognição para assimilá-la, destoa da voracidade e velocidade tecnológica dos jovens e de sua forma irreverente de se expressar. Como nos lembra BABIN, “o jovem se afirma, ao se opor.” (BABIN E KOULOUMDJIAN, 1989, p. 07).

Você viu aquele caso da televisão das meninas que foram assassinadas?
Pesquisadora: Próximo ao vaca-brava? Isso. Aqui tá cheio desses meninos do Emo, que veste de preto... tem uma aqui que todo diz vem com o cabelo de uma cor.
Pesquisadora: Mas por quê? As meninas assassinadas eram EMO? - Era, as duas era. Eles pratica ritual, magia negra, homossexualismo, tem uma aluna aí que fala: - eu não gosto de homem, eu gosto de mulher. Ela já falou pra mim!
Pesquisadora: Na escola tem de tudo né? - De tudo, homossexualismo, gay... (P-08, 2009).

Além do estranhamento comportamental, há também nos depoimentos a percepção de que uma das causas para o desinteresse e enfrentamento dos jovens, seria



a ausência de acompanhamento e de cobrança dos pais na vida dos filhos. É claro que nesse meio, a violência aparece de forma espontânea em várias entrevistas.

Eu vejo até isso futuramente.. pq não sei se vc vê aí, tá dando ibope aí a questão da violência nas escolas. Futuramente professor nem vai ter contato com aluno. Eu imagino isso, não sei, é um pensamento meu. Eu acho que futuramente professor vai tá mais é direcionando... “Ah, e aí, você foi lá? Onde eu falei da pesquisa?” Mais ou menos uma video conferência. Eu acho que futuramente vai chegar isso aí. Por que hoje a maioria dos professores já tá tendo medo de trabalhar com o jovem, são muito agressivos... especialmente as mulheres. As mulheres brigam mais do que os homens. (P-03, 2009)

Pesquisadora: A rádio é só mesmo na hora do intervalo? Na hora do recreio, com as pautas lá. Cada pauta é falando sobre saúde, educação, violência que tá grande.. segunda-feira mesmo teve briga aqui no colégio... Pesquisadora: de meninas? Não, a mãe que entrou e bateu em uma menina. Pesquisadora: na filha? Não, em uma menina que bateu na filha dela. Pra ver onde que tá a educação. (...) A motivação pelo estudo, não tem, por que não tem o apoio em casa. A maioria das pessoas eu sinto falta do apoio em casa. Pesquisadora: vc acha que eles não querem aprender? Não tem motivação em casa. Tem gente que não traz tarefa de casa feita, tem prova e não se empenha nas provas... não tá nem aí se tira nota máxima, se não tira, se tem recuperação, se não tem... Tem os que vêm aqui mesmo só pra passear, conversar com os amigos, é o point. Como se fosse o point de visitação. P-04, 2009)

A geração do computador, assim como a geração do audiovisual, investigada por BABIN, também padece do estigma da perda de Q.I.. A geração também é vista como desinteressada, dispersa e menos preparada em comparação com o referencial de inteligência dos professores entrevistados. Seu discurso é certo: os jovens de hoje sabem menos e saem despreparados da escola para o mercado de trabalho.

Eu to a 15 anos e to acompanhando... eu pegava muito quinta, sexta série, quando eu comecei. E eu fui percebendo que foi havendo uma... o ensino foi decaindo, e muito, em quinze anos. Se eu pegar uma prova pra você que eu tenho de um aluno de sexto ano e um de um aluno do primeiro (ensino fundamental) você fala que eles estão na mesma série, devido a qualidade da redação. Tá decaindo (P-07, 2009).

Eu acho que a educação é uma empresa falida, fadada ao fracasso. Eu falo por eu dar aula no ensino médio. Meus alunos saem daqui, do 3 ano, sem saberem copiar do quadro. E o que acontece: nós temos que dar prova, não sei quantas, trabalho, igual eu te falei, se eles soltarem um espirro, tem que valer nota. Participação, frequência, atividade, coisas que seriam obrigações deles, vc tem que dar nota. Senão ele reprova. Aí depois ele não conseguiu? Você dá recuperação. Não conseguiu de novo? Da recuperação de novo. Entendeu? O nível baixíssimo... aí o que que acontece? Nós não podemos reprovar esses meninos no 1 ano, o que nós vamos fazer? Vamos passando. A causa dos alunos estarem assim? Eu creio que é tudo. É a família, que hoje os pais não estão tendo mais domínio sobre os filhos, os filhos não tem respeito pelos pais, e



muitos não impõem também. Aqui é cada cena que a gente vê os filhos falando com o pai que vc pensa : tem razão do filho ser desse jeito, quase o filho que bate no pai ou na mãe, a gente vê uma inversão de valores terrível. (P-02, 2009)

5.0 – Conclusão

A partir da realidade concreta presente nos discursos dos professores, é possível compreender que o universo escolar envolve questões práticas, conceituais, políticas e econômicas e que é marcado intrinsecamente pela complexidade. Longe de objetivar responder aos conflitos compartilhados pelos profissionais da educação, este artigo pretende partir da complexidade exposta, para clarear pontos de conflito que devem ser discutidos, para que seja possível propor caminhos e possibilidades pedagógicas. Um trabalho árduo destinado a reflexões futuras.

Apesar da limitação espaço-temporal deste artigo, é perceptível que o ambiente escolar possui diversas questões e problemas a serem enfrentados e superados. Ao invés de ser encarada como mais um destes problemas, é possível que as tecnologias da informação e da comunicação possam constituir-se como possibilidade efetiva de horizontalização das relações dentro da escola, e ainda, na compreensão dos conteúdos formais e curriculares que a escola precisa trabalhar.

Os alunos exigem respeitos horizontais. Para eles, a relação pedagógica correta tem uma natureza igualitária e supõe um respeito mútuo e um equilíbrio dos sentimentos. A maioria dos alunos não contesta os alicerces da autoridade, mas pede um tratamento recíproco, exigência incontornável, anterior ao universo de comunicação em que estão imersos (BARRERE, MARTUCCELLI, 2001, p.270).

Mas para isso o professor precisa dominar a tecnologia, conhecer suas possibilidades, compreender sua linguagem e se possível, gostar, seja da televisão, rádio, cinema, mídias portáteis ou internet. Só então será possível, pensar em práticas pedagógicas mediadas pela tecnologia, unindo o que existe de melhor entre o prazer e o conteúdo que precisa ser apreendido, a partir de uma ação que respeite o universo simbólico dos alunos.

O tempo pedagógico faz deste *modus* comunicandi uma forma de exercício de poder, já que a autonomia do leitor e a possibilidade de um ecossistema comunicativo marcado pela dialogicidade implica a descentralização da palavra autorizada e a transformação das relações sociais internas do espaço escolar. (SOARES, 2000, p. 21).



No entanto, algumas questões se colocam como entraves a esta realidade. Como por exemplo, o fato de o professor não abrir mão do controle no processo de ensino-aprendizagem, herança da pedagogia tradicional (SAVIANI, 1995), que ainda persiste no modelo público atual de educação. É preciso compreender e aceitar que a introdução de qualquer tecnologia no espaço da escola traz uma euforia ao momento da aula, seja na própria sala de aula, seja no laboratório. Trocar os pedidos de silêncio por momentos de diálogo simultâneos e aparentemente caóticos, durante as produções nos laboratórios de rádio, vídeo e internet, é o grande desafio colocado para os educadores. Mas mais do que isso, significa aceitar uma alegria, o prazer e a dialogicidade que fazem parte do mundo destes conhecidos estranhos: os jovens.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. *Etnografia da prática escolar*. São Paulo: Papyrus, 1995.

ARENDRT, H. A crise na educação. In: POMBO, O. *Quatro textos excêntricos*. Lisboa: Relógio D'água, 2000. Disponível em www.4shared.com/get/60304870/df31a974/ARENDRT_A_crise_na_educacao.html. Acesso e captura em 02/04/2009.

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. *Os novos modos de compreender. A geração do audiovisual e do computador*. Edições Paulinas, São Paulo, 1989.

BARRERE, A.; MARTUCCELLI, D. A Escola Entre A Agonia Moral e a Renovação Ética. In *Educação & Sociedade*. Campinas. v. 22, n. 76, p. 258-277, 2001.

CORRÊA, J. *Novas tecnologias da informação e da comunicação; novas estratégias de ensino/aprendizagem*. In COSCARELLI, Carla Viana (org.). *Novas Tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte, autêntica, 2003.

COSCARELLI, C. V. (org.). *Novas Tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte, autêntica, 2003.

COSTA, C. *Os grilos da galera: as questões da adolescência hoje*. São Paulo: Moderna, 1996. (Coleção Qual é o grilo?)

EVANGELISTA, E. G. dos S. *Modernidade e educação em Emile Durkheim*. Goiânia, Editora UFG, 1997.



FARIA, M. A. Como usar o jornal na sala de aula. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. Cad. Pesqui., São Paulo, n. 114, Nov. 2001. Disponível em <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 19 de Junho de 2009. Doi: 10.1590/S0100-15742001000300009.

JACQUINOT-Delaunay, G. A escola e o fenômeno midiático. Comunicação e Educação / revista do curso Gestão da Comunicação do departamento de comunicação e artes da Universidade de São Paulo. Ano 12, n.3 (dez.2007). – São Paulo: CCA/ECA/USP: Paulinas, 1994. Páginas 73 a 80.

KRAN, R. B. Relações Horizontais e Democráticas: Um Caso do Uso do Telejornal na Sala de Aula. In: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2009, Brasília. Comunicação, Educação e Cultura na Era Digital, 2009.

MASETTO, M. T. Mediação Pedagógica e o uso da Tecnologia. In MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 14 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

MORAN, J. M. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 14 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

NERY, M. C. (coord.). Pesquisa Motivos da Evasão Escolar. In O tempo de Permanência na Escola e as Motivações dos Sem Escola. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS (Centro de Políticas Sociais), 2009. Acesso em 19/04/2009. Disponível em <http://www.fgv.br/cps/tpemotivos/>.

SAVIANI, D. Escola e democracia. Campinas: Autores Associados, 1995.

SILVA, D. V. A representação e o discurso pedagógico. Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de Goiás, Departamento de Educação, 2008.

SOARES, I. de O. Educomunicação, um campo de mediações. Comunicação & Educação (SP), São Paulo, v. VII, n. 19, p. 12-24, 2000.

_____. Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In Contato, Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação, Brasília, ano 1, n.2, jan/mar. 1999, p. 5-75.

TOSCHI, M. S. Tecnologia e educação: contribuições para o ensino. Série-estudos, Campo Grande MS, v. 19, p. 35-42, 2005.

_____. Contribuições das teorias da comunicação para o ensino crítico. Revista Inter-Ação, Goiânia, 1995.